

1º Lugar

IMENSO, CEGO, BRUTAL

GREGOROVIVS

EDGARD PEREIRA DOS REIS

Faculdade de Letras — 4º ano

Entrou no passo calmo. Na verdade não queria entrar naquele bar, não queria falar coisa alguma. Ajeitou debaixo do braço os bilhetes de loteria, encolhido no arrependimento do que falou.

“Federal!”

Do fundo um rapaz magro e olhos vivos, comprimindo a timidez na camisa de manga curta, pediu mais um chôpe.

“Para amanhã?”

O vendedor aceitou a cerveja e disse que era para amanhã. Amanhã era sábado. O rapaz ia ficar com um bilhete, podia ter sorte e não custava tentar.

“A vila tá ficando cada vez mais sem graça”. A voz era segura, diferente de momentos antes, soletrada e frouxa quando entrou sem querer, querendo esquecer que estava ali como vendedor. Sentou-se ao lado.

“Se estou cansado?”

Tomou um gole confirmando e com as mãos começou a desenhar no balcão o trajeto do dia: às sete da manhã passou na padaria em frente da igreja, viu as pessoas sérias, passou pelos cafés e mal o morro da Urca ganhara o vermelho das seis horas, já tinha cruzado tôda a Vila Isabel. Enquanto falava, tinha o ar de moleque que estivesse dizendo algo sério

como se não quisesse. Conseguira um movimento melhor que o dia anterior e apontava um ponto no balcão, perguntando se o rapaz conhecia a rua tal, o café "Nôvo Rio". Os conhecimentos.

"Se conheço a Vila inteira?"

O rapaz conhecia muito pouco: era do interior e só conhecia mesmo a rua do banco onde trabalhava. Mudou o tom da voz. E não sobrava tempo nem dinheiro.

"Oito anos de banco e porque não puxo saco de ninguém nunca fui promovido. Sabe que gerente de banco não gosta de estudante?"

O vendedor segurou os bilhetes nas mãos e olhou estranhando porque o rapaz parecia ser quieto, do tipo que não gosta de conversar. Olhou querendo dizer que gostava de ouvir aquilo, que era assim mesmo, só que no seu caso preferia vender bilhetes na rua, não tinha que dar satisfação a ninguém.

"Fuma?" — o rapaz estendeu o maço de Hollywood com filtro.

Queria aceitar um cigarro dêle.

"No banco só converso com os contínuos".

"E tem pessoas que oferecem bilhete e nem olham, fazem que não escutam. Tem outros que explicam que não tem sorte, que não adianta, essas coisas."

"Um dia vou deixar êsse banco, vai ver" — os olhos do rapaz brilharam

"Adianta não; a gente tem é que fazer jeito de gostar". O vendedor ia continuar quando um tipo gordo entrou apressado, saboreando entusiasmado o que dizia. Era uma declaração:

"Eu te amo, Vila Isabel."

As palavras ficaram soltas no ar, paradas. E um susto tomou conta dos dois. Imenso. Cego. Brutal.

"Até certa altura vim de ônibus; perguntei ao trocador: êsse ônibus passa na Vila Isabel? disse que passava perto



e vim de ônibus até onde pensei que era a Vila e aí saltei. Na rua cruzei com um rapaz, perguntei se ali já era a Vila, êle disse que precisava andar uns seis quarteirões. Então vim andando e no caminho pensando que ia falar quando chegasse. Estava agradável e decidido: no primeiro bar ia dar um viva à terra de Noel Rosa.”

Os dois não se alarmaram. Depois de um olhar para o outro desviaram os olhos para o gordo, mas não comentaram nada.

“Êste é um lugar histórico” — o gordo falando na direção deles.

O vendedor começou a cantarolar mais para si mesmo que para outra pessoa ouvir; um menino puxando um rato pelo barbante caminhou para o balcão.

“O rato vai sambar agora” — o vendedor conseguiu o rato e por alguns instantes começou a dar voltas no bar. “E quem não sabe que aqui é Vila Isabel?”

“Uma coisa é saber, outra é dar valor” — o gordo sentia-se ofendido.

“Noel freqüentava a Lapa, o Bola Prêta, mas porque nasceu aqui badalam a Vila” — o rapaz procurava aprovação no homem da loteria.

“Êste rato amarrado no barbante também é importante.”

O gordo estranhou a comparação e num tom hostil começou a elogiar o Rio, a cidade das belas praias e do samba e do progresso e olhem os viadutos, os túneis, um colosso, tudo um colosso. No fim estava autoritário: “Na base de tudo Noel. O grande.”

A reação deve ter sido maior no estudante (era o mais vulnerável a qualquer tipo de autoridade); por isso o gordo-centro-da-circunferência, sim, êle falava como se fôsse o centro da circunferência do mundo e o encarava. O gordo olhou para a rua, para as luzes da rua. Os dois se entreolharam e compreenderam que havia uma identidade do gordo com aquelas coisas lá fora, concretas no tempo. O vendedor entre-

gou o rato ao menino que foi sentar-se, curioso, numa das mesas.

O gordo ajeitou a camisa dentro da calça e procurou a porta, os movimentos bruscos querendo dizer que não gostava dali, era demais suportar aquilo na terra de Noel. Êle deve ter pensado assim, ou não deve ter pensado em coisa alguma, tal a pressa com que deslumbrado sumiu. Ganhara a rua, as luzes, porque elas armazenavam seus sonhos.

De dentro os dois ainda o viram lá fora, encurralado entre a noção de que estava na vila das tradições e a noção de que aos poucos as pessoas iam esquecendo as boas coisas da vida. O ROSTO CONTRAÍDO, EXCITADO, NO MEIO DOS CARROS. LÁ FORA.

O vendedor pôs-se a soprar os bilhetes de loteria (e sua garganta engrossava) na direção da latrina imunda. Para isso fazia-se curvo, até que agachou-se completamente como um cachorro que soprasse fôlha sêca no chão. Era mais de meia-noite: já era sábado. O estudante pediu mais um chôpe porque acreditava na sorte imensa, cega, brutal. Arrancou da parede o cartaz amarelo sorvete kibon que estava ao lado da cafeteira, servia para leque e podia ajudar o outro. E assim se divertia. O vendedor já suava a gotas.

“Acorda, homem.”

O rapaz achou que alguém podia chegar ou o dono do bar podia estranhar a posição dêle a soprar bilhetes no chão. Achava engraçado.

“Rosa também morre de rir das coisas que faço” — os olhos do vendedor molhados de rir.

“Quem é Rosa?”

“Minha mulher. Engraçado que eu tinha esquecido, comecei a conversar e esqueci dela.”

“Que jeito que ela é?”

O vendedor calou, coçou a cabeça e disse que parecia um anjo.

“Deve ser bom ser anjo, não precisa trabalhar no banco.”

“Por isso que é bom?”

“Quem não acha? Vai ver que você gosta de trabalhar em banco. Nunca trabalhou e se trabalhasse também não ia gostar.”

“É, quando conheci a Rosa contava as coisas que eu via porque a gente precisa andar muito. Contava as pessoas que via porque a gente fica conhecendo muitas e cada dia tinha alguma coisa engraçada. Ela gostava.” E baixou os olhos.

“Quê que foi?”

“Nada não” — o vendedor respondeu meio reticente, queria dizer alguma coisa, mas não tinha coragem de olhar na direção do rapaz.

“Por que não fala mais sobre ela? Podia falar, eu gosto do jeito sério que faz. É como se não quisesse ficar e mesmo assim acabasse ficando.”

O vendedor olhou bem no outro para ver se descobria algum sinal de crítica, sempre achava que os estudantes brincavam com o sentimento dos outros.

“De que jeito que ela é?”

O rapaz ouvia atento.

“Parece um anjo.”

“Um anjo como?”

“Me acompanha quando ando nas ruas, tenho a lembrança dela, entende?”

Silêncio maior. O rapaz enfiou as mãos no bolso da calça, o frio da madrugada, curioso de entender, perguntando com a voz sumida.

“Se gosto dela?” O vendedor escondeu o rosto nas mãos, não precisava mais olhar o rapaz, parecia mesmo interessado. Levantou o rosto.

“É difícil não gostar agora” e baixou os olhos, a cabeça, concentrado. O rapaz se arrependeu de ter perguntado tantas coisas.

“Precisa falar mais não. Olha, se quiser falar, você fala, esquece que eu perguntei.”

“Não gosto de lembrar isso, dói um pouco. Inventei essa história de anjo, porque tenho certeza que tudo que faço ela vê.”

“Você brinca de puxar rato pelo barbante perto dela?”

“Essas coisas que fiz hoje não costumo fazer perto dela” e comprimiu os joelhos com as mãos.

O estudante viu os olhos dêle se iluminando muito e tôda carga de criança assustada aparecer na pressa com que tirou uns papéis do bôlso, viu um retrato encardido.

“Quando olho para ela tenho vontade de abraçar”. O homem da loteria olhava o retrato: “Quando falo nela tenho vontade de abraçar” — a voz pausada, mas sem temor e sem tristeza. — “É como as ondas que ficam calmas numa hora, um rio fica raso, parece que um sangue frio corre dentro do corpo.” Parou um pouco e olhou para ver se o outro prestava atenção. Prestava. Continuou: “eu fiz tudo, só que cheguei um pouco tarde, ela eu encontrei deitada e perguntei: você tomou alguma coisa? porque em cima da mesa estavam uns tubos de comprimidos abertos. Ela pediu que não saísse e ficasse, mas eu não podia, peguei ela nos braços e fui buscar um táxi.” O homem da loteria arranhou as unhas no plástico da mesa, mas no rosto continuava um brilho. Uma alegria.

O rapaz ouvia sem mêdo, sem desviar os olhos do homem magro à sua frente e agora notava maior fragilidade nêle. Não devia perguntar mais nada porque nada mais aconteceria aquela noite. Lá fora um grupo de homens de colête e mulheres agradáveis passou na rua. Deviam ser pessoas íntimas de Noel ou mesmo seus companheiros de feijoada. Quando o estudante voltou a olhar o homem da loteria já havia levantado e caminhava rumo das pessoas, dos homens de colête e das

mulheres agradáveis. Dava um vento de madrugada que balançava seus cabelos e varria definitivamente os bilhetes para dentro da latrina. O homem da loteria ia com seu anjo, impossível, caminhando lento, o anjo devia ter pés frágeis. A noite recolhera o barulho dos carros, o dono do bar cochilava diante do caixa e o rapaz levantou, dirigia-se ao reservado mas lembrou alguma coisa e caminhou até a porta, à medida que desabotoava o último botão da braguilha e enquanto desabotoava começou a escrever no chão a palavra sábado, as letras imensas, cegas, brutais.

Percebeu que logo o alcançaria, porque êle era nôvo e gostava de correr. Ia entregar os bilhetes, talvez êle tivesse esquecido.